

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



E. R. DODDS, *The Ancient Concept of Progress and Other Essays on Greek Literature and Belief*. Oxford, at the Clarendon Press, 1973. VIII + 218 pp.

Uma colectânea de dez artigos, na maior parte formados por textos de conferências, compostos entre 1929 e 1971, dos quais apenas quatro estavam inéditos (e mesmo assim, não totalmente), poderá parecer, à primeira vista, uma obra de somenos importância, parcialmente envelhecida e, de qualquer modo, sem grande novidade.

Tal juízo seria inteiramente errado. O capítulo mais antigo, o de 1929, nada menos do que o célebre ensaio «Euripides the Irrationalist», publicado no vol. 43 da *Classical Review*, traduzido há poucos anos para alemão e incorporado no volume consagrado àquele trágico na série *Wege der Forschung* (Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, pp. 60-78), marcou, como é geralmente reconhecido, uma meta na exegese euripidiana. Um clássico à sua maneira se tornou já também o artigo «On Misunderstanding the Oedipus Rex», aparecido em *Greece and Rome* 13 (1966), depois de lido a um curso de reciclagem de professores do Instituto de Educação de Londres. Neste grupo poderíamos incluir ainda o estudo «The Prometheus Vincit and the Progress of Scholarship», que, apesar de inédito, circulou por entre especialistas que nele se inspiraram e o citaram, de tal modo que o Autor se sentiu impossibilitado de o refundir, por o considerar «firmemente amarrado a uma situação no tempo».

Este mesmo capítulo põe em evidência uma característica das mais atraentes da escolaridade do Prof. Dodds: a sua tendência para repensar criticamente o passado, a fim de iluminar o presente, porque, como ele escreve, «uma tradição cultural não pode ser transmitida passivamente» (p. 27). Na mesma página, merece ser meditada uma outra frase, que sintetiza o essencial sobre a posição da Cultura Clássica no contexto europeu:

«A primeira [coisa] é que, se nos importa, como penso que deve importar, reconstruir a tessitura rasgada da cultura da Europa Ocidental, reafirmar os valores morais e intelectuais essenciais, segundo os quais o homem ocidental viveu durante tantos séculos, então não poderemos dar-nos ao luxo de perdermos todo o contacto com esse mundo antigo, dentro do qual se criaram esses valores; não podemos deixar fugir essa tradição que é a herança cultural comum de todas as terras do Ocidente e que está na raiz de toda e qualquer unidade cultural que ainda possuem.»

Um outro estudo, não menos interessante, diz respeito a «Moral e Política na Oresteia», com especial relevo para o sentido da parte final de *As Euménides*.

Mas o especialista de Ésquilo, cujas lições sobre a matéria na Universidade de Oxford ficaram famosas, é também o de Platão («Plato and the Irrational») e o

do seu epígono tardio, Plotino («Tradition and Personal Achievement in the Philosophy of Plotinus») e de religião grega («The Religion of the Ordinary Man in Classical Greece») — matérias sobre as quais dirigiu seminários durante anos. É ainda o estudioso dos fenómenos parapsíquicos, conhecido pelo seu ensaio «Telepathy and Clairvoyance in Classical Antiquity» (in *Greek Poetry and Life*, Oxford, 1936), que agora aparece muito ampliado, com grande riqueza de exemplos antigos e modernos, a constituir o capítulo X deste livro.

Um interesse antigo do Autor é também o ensaio que dá o título à colectânea, «The Ancient Concept of Progress», tema que tratou em comunicação apresentada ao Congresso das Sociedades Clássicas Britânicas em Cambridge, em 1951, como um primeiro e bem fundamentado desafio à tese de Walter Bagehot, corrente desde 1872, segundo a qual era de todo alheia aos Gregos a noção de progresso. O famoso helenista voltou ao assunto em 1969, em conferência lida na Universidade de Glasgow. Daí deriva o trabalho agora publicado, que é um modelo de lucidez e de rigor na informação, indispensável mesmo a quem dispuser do livro póstumo de L. Edelstein sobre o assunto (*The Idea of Progress in Classical Antiquity*, Baltimore 1967), do qual, aliás, discorda em mais de um ponto (e.g., de que Platão fosse adepto da noção de progresso, ou de que Posidónio acreditasse na ideia de progresso incessante). Deve assinalar-se, nesta análise, o lugar de relevo dado aos cientistas, cujo papel é tão importante neste contexto, e o valor da discussão do sentido e autenticidade da *rhexis* sobre os inventos ensinados por Prometeu ao homem, na tragédia de Ésquilo (p. 5), e do significado do discutido Estásimo primeiro de *Antígona*, visto sobretudo como uma advertência às limitações do ser humano (p. 8).

Pode o leitor permitir-se a dúvida num ou noutro passo (e.g., a interpretação dos vv. 174-175 de *Os Trabalhos e Dias* como aceitação da teoria do eterno retorno, onde parece mais provável tratar-se de uma polaridade, como pensou W. J. Verdenius, «Aufbau und Absicht der Erga» in *Hésiode et son Influence*, Entretiens Hardt, Genève 1962, pp. 133-134). Mas a objectividade na interpretação, a riqueza do material e a largueza de vistas fazem deste ensaio um modelo no seu género. De salientar o interesse das conclusões, nomeadamente da última, que estabelece uma correlação entre a expectativa e a experiência real de progresso nas sociedades grega e romana.

Merece ainda referência à parte o ensaio intitulado «The Sophistic Movement and the Failure of Greek Liberalism», que o A. considera reflectir «a ansiedade política e moral dos últimos anos da década de trinta» (p. 92, nota 1), e é um dos que mais evidenciam a preocupação, atrás apontada, de procurar na tradição dos Antigos as implicações sobre a problemática dos Modernos. Uma visão da cultura greco-romana que é, sem dúvida, uma das lições do livro.

M. H. ROCHA PEREIRA

Eurípides, Hecuba. Edidit STEPHEN G. DAITZ. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1973. XXXVI + 104 pp.

Dos estudos sobre a complexa transmissão manuscrita de Eurípides, desde Turyn (1957) a Zuntz (1965) e Tuilier (1968) — para só falar dos principais — beneficia hoje o editor do *τραγικώτατος*, apesar das incertezas que persistem no estabelecimento de um *stemma* seguro. No caso presente, tratando-se de uma drama pertencente à Tríade Bizantina, o número de códices que o contêm aproxima-se dos trezentos.

O A., bem conhecido dos estudiosos de Eurípides, sobretudo pela sua edição facsimilada e comentada do Palimpsesto de Jerusalém (Berlim 1970), fez a colação dos vinte manuscritos principais que contêm a *Hécuba*, e desses escolheu, nos oito mais importantes, cento e trinta e oito passos em que havia lições com um erro métrico, para assim tentar a determinação do seu parentesco. Persuadido de que a colometria pode levar a resultados idênticos, deu, em apêndice à sua edição, o aparelho colométrico de dezasseis códices principais. A importância desse género de investigações, também notada e aproveitada por W. S. Barrett na sua edição do *Hipólito* (Oxford 1964, pp. 84-90), fornece desde já alguns indícios que interessam a toda a história da transmissão do texto de Eurípides, porquanto trazem elementos para o estudo da *vexata quaestio* da relação entre *L* e *P*. A conclusão do A. é que, na parte referente ao texto da *Hécuba*, *P* deriva talvez de uma fonte inicialmente próxima de *L*, mas a contaminação obscurece o parentesco entre ambos.

De um modo geral, o texto é conservador, no louvável intuito de manter aquilo que não precisa absolutamente de ser alterado. Assim, por exemplo, aceita *ἦσω* em 163 (dando paralelos para o seu uso intransitivo, bem como para o de *βάλλω*), as repetições de 169-170 (com base no *schol.* Aristoph. *Nub.* 1165, embora continue a rejeitar, como Murray, 175-176) e a terceira interrogação de 1081 (*πῦ βῶ*) que Nauck tirara para obter um dócmio, e que o A. mantém, formando um paremíaco. Este último caso é, aliás, um daqueles em que uma nova análise métrica das partes líricas (exaustivamente dada em apêndice, e implicando muitas alterações na colometria) permite restaurar o texto.

Duvidoso nos parece que 1087, rejeitado por Hermann e, mais recentemente, por R. Renehan (*Greek Textual Criticism*, pp. 32-33), deva ser mantido, dada a sua semelhança quase total com 722. Diferente é o caso de 1185-1187, onde, contra Dindorf e Murray, o A. mantém o texto dos manuscritos, confirmado por Estobeu, usando a pontuação de Jackson, que resolve as dificuldades de sentido e de sintaxe.

Como Méridier, o A. levanta a atetese de 831-832, proposta por Matthiae e seguida por Murray. Também aqui se trata de um passo sentencioso, citado por autores tardios (Orion, *Anth.* VIII. 17; *Schol.* Hom. *Od.* X. 481; Tzetzes, *Exeg.* p. 86). A articulação à frase anterior é feita com *γὰρ* de *A Ge L* e dos correctores de vários outros manuscritos que tinham a lição *τε*, geralmente preferida pelos editores. Fica-se, no entanto, na dúvida, se a rejeição da emenda de Nauck, com o consequente regresso à lição de *νικτήρων βροτοῖς*, de uma parte da tradição manuscrita,